ANNO 10.º — Sexta-feira, 23 de Fevereiro de 1917 — (AVENÇA) — Numero 461

# O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Officina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

## OUTRO ANIVERSARIO

Um ano mais que hoje acrescentâmos á existencia, nem sempre livre de atribulações, do nosso jornal.

Saindo da velha rotina da submissão pacifica e muitas vezes ilogica e incoerente, para seguir as conveniencias pessoaes e politicas de qualquer partido, *O Democrata* tem procurado na estrada escabrosa que percorre, uma orientação exclusivamente baseada e assente na verdade, na imparcialidade, na razão e na justiça de todas as causas nacionaes e politicas que a consciencia livre, de homens honestos, assim considera.

Dai a acintosa perseguição dos que lhe não convém compreender assim; de quantos tem procurado, atravez de tudo, estrangular-nos, calando, sufocando esta voz que ha 9 anos é sempre a mesma—pedindo justiça, suplicando critério, exigindo moralidade, gritando pelo Direito.

Mais do que nunca, *O Democrata* e todos que com ele se colocam dentro deste campo de principios e de acção, devem robustecer e engrossar a falange, que felizmente se avoluma e cresce, para, mais tarde ou mais cedo, conseguir, seja por que meios fôr, que as instituições de hoje sejam com rigorosa verdade aquelas que antes da sua implantação entre nós se afirmára que seriam.

O peor mal que sofreu o regimen foi a precipitada constituição de partidos, a desagregação dos homens que constituiam a suprema direcção politica republicana que, especialmente por esse motivo, fizeram aproximar o triunfo da sua causa, que era a nossa, com tão notavel rapidez.

A esse formidavel erro seguiu-se outro não menos gráve e perigoso: o ingresso dentro de cada um desses partidos de todos os transfugas, de todos os bandidos que, cançados do cometimento das maiores infamias na vigencia da monarquia, se alistaram, conforme as suas conveniencias, nos novos partidos republicanos, desgraçadamente com o afanoso incitamento e convite dos respectivos chefes que lhes abriam os braços, como se eles fossem o mais vivo testemunho duma vida modelar, representando uma aquisição valiosa a engrossar o numero dos convertidos ao programa de cada orientador.

E tal foi o assalto, que os velhos republicanos, na sua maior parte, se sentiram escorraçados e até perseguidos, iniciando-se como todos sabem, a série de desmandos, de imoralidades e de crimes que desde então até hoje, num crescendo aterrador, nos vem apavorando e dolorosamente vexando!

Por todos estes motivos, *O Democrata*, sem gravissima ofensa aos seus principios, sentindo-se desautorisado aos seus proprios olhos, não podia por modo algum transigir, enfileirando junto de aqueles que sempre fizeram da politica a armadilha para as suas conveniencias, a mascara para cobrir todos os seus desmandos.

Pela nossa apregoada imparcialidade, porém, não se compreende a ausencia duma opinião, mas antes a liberdade inteira de forma-la, fóra e acima de todas as considerações de pessoas, de todas as influencias e de todas as paixões. E temos levado tão longe esta fórma de vêr que bem se póde afirmar sem receio de erro, que o *Democrata* é um jornal impessoal, abstendo-se por isso de seguir a orientação a que poderiam conduzi-lo simpatias ou amizades, sejam por quem fôr. Nunca as trocámos pela verdade dos factos, imposta pelas mais nobres considerações de interesse publico.

Assim, atravez de tudo, o *Democrata* torna-se o verdadeiro interprete da opinião publica, sensata e justa, e consubstanciando-a, póde ao mesmo tempo corrigir os seus erros e excessos, levando o seu desinteressado auxilio até mesmo aos que dirigem e governam a sociedade.

Só desta maneira nos é licito conseguir que este semanario, rectintamente republicano, seja uma força, exercendo a sua missão, da qual se não afastará ainda mesmo que o decimo ano encetado seja a continuação dos que lhe ficam atraz, cheios de afrontas aos mais puros sentimentos da honra, do brio e da dignidade politica.

ctor Hugo de Azevedo Coutinho e Barbosa de Magalhães.

Isso de figura *menos retinta* o sr. Barbosa de Magalhães, acaba triste. Chega a ser um atentado aos *sentimentos republicanos* de s. ex.ª, que ninguem acredita seja posto em pratica, a não ser que o snr. Afonso Costa tambem queira deitar a perder as instituições...

Já viram sacrilegio maior?...

### Que diziamos nós?

Neste caso démos quinau na Clara do Maio!...

Quando anunciámos aqui a grotesca e geral despedida do menino *melicio*, com o papá ao lado, oferecendo os seus serviços nas... salas do registo civil ou dos conselhos de guerra, lá por essas terras de França, logo dissémos que haveriamos de ouvir que a esse e outros *valentes* de egual estofo se deveria a decisão da campanha, pela indomavel e inexcedivel bravura dos seus feitos heroicos, salvo a intenção da piada, bem entendido.

Pois logo acudiu o suplemento do *Camaleão*, o esclarecido orgão do P. R. P. e do Chico a dizer que, etc., etc., etc., *esperando vêlo no regresso coberto de... gloria!*

Então? Querem-nos assim os com mais môlho?...

Duma cana...

## SERTORIO AFONSO

Tendo passado no dia 21 o aniversário da morte deste prestimoso republicano aveirense, companheiro inseparavel de Francisco Antonio de Moura, e um dos que mais a descoberto trabalharam na propaganda, sacrificando dinheiro e saude, enviou-nos do Porto o conceituado droguista sr. José Pinto Ferreira Junior, mais 2$50 para distribuirmos pelos pobres do *Democrata* o que foi cumprido conforme os seus desejos, da seguinte fórma: a Manuel Rôlo, morador na Rua de S. Martinho, $50; a Maria Morena, da Rua de S. Sebastião, $50; a Crispim Gonçalves, idem, $50; a Dôres Pitarma, R. Miguel Bombarda, $25; a Maria Inocencia, idem, $25 e a Paula Rebelo, rua do Jardim, $50.

Em nome dos contemplados, os agradecimentos a que tem direito o generoso bemfeitor.

# Folha corrida...

## Vicissitudes por que tem passado este jornal

A 23 de Abril de 1909 comparece perante o tribunal colectivo da comarca, composto de tres juizes, o director do *Democrata*, que, por ter qualificado de mentecapto um ferrenho talassa de batina e corôa, é condenado a pagar-lhe uma importante indemnisação além das custas e sêlos do processo.

A 22 de Fevereiro de 1913 egualmente comparece, agora perante o juri, por a lei ser diferente, o nosso director, que sofre ligeira condenação infligida pela maioria dos seus adversarios politicos de que se compunha o tribunal. A querela têve origem numa campanha contra determinados *adesivos* que na Republica se integraram, filiando-se logo no partido democratico para continuarem a disfrutar as mesmas regalias que de todos os grupos ou partidos monarquicos sempre auferiram com toda a desfaçatez.

A 20 de Maio do mesmo ano, novo julgamento e nova condenação, desta vez caracterisada por um caso raro e imprevisto—ser negada ao director deste jornal por individuos que habitavam na terra, conhecendo portanto a sua vida publica como particular, a qualidade de ter sido sempre um homem de bem e julgar-se incapaz de praticar actos que repugnem ao meio social em que vive! Uma perfeita inquisição, que só demonstrou o acinte de quantos intervieram na discussão da causa, como julgadores, e a quem o publico duramente castigou após a sentença proferida pelo meritissimo juiz, dentro e fóra do tribunal, aclamando ao mesmo tempo o *Democrata* pela flagrante injustiça de que acabava de ser victima.

A 26 de Abril de 1916 outra condenação e portanto nova vitoria da cambada *democratica*, que em Aveiro pretende dominar á custa duma escandalosa protecção que lhe vem de cima, chegando o desplante ao cumulo de se proteger o crime com menosprêso da moralidade e da honra do regimen.

No dia 23 de Outubro de 1910 dá-se, na Arcada, uma scêna de pugilato, a primeira da série que vâmos enumerar, com origem em artigos ou *sueltos* aqui publicados, da responsabilidade do nosso director, e a quem se não dirigido os diferentes visados.

A 9 de Dezembro do mesmo ano e no mesmo local, outra.

A 26 de Maio de 1911 outra, no mesmo local.

A 5 de Abril de 1913 outra, na rua do Cáes, com um oficial do exercito.

Repetição, horas depois, junto ao Hotel Central.

A 3 de Novembro do mesmo ano outra, na Praça Luiz Cipriano.

A 23 de Junho do mesmo ano outra, na tabacaría *Veneziana Central*.

A 2 de Agosto do mesmo ano outra, de embuscada, á esquina da Rua Miguel Bombarda.

A 3 de Agosto do mesmo ano outra, concertada entre tres figuras de destaque—um oficial do exercito, um *escroc* e um cinico pandilha—que na sua triplice qualidade de *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos*, entenderam vir provocar-nos á redacção, batendo logo depois em retirada deante do cano duma pistola.

A 27 de Maio de 1914 outra, na Praça Marquês de Pombal.

E a 27 de Agosto do mesmo ano outra, na Praça da Republica.

A' vista deste *sudario*, que ainda não é tudo, atendendo ás outras mil e uma tentativas feitas para nos estrangularem a voz, estâmos em crêr que, dos jornaes de provincia, republicanos, nenhum, como o nosso, tem sido alvo de tantas más vontades, de tantos ataques, de tantas perseguições, emfim.

E isso explica-se pelo afastamento sistematico do *Democrata* da corrupção politica que lavra no distrito de Aveiro, e muito principalmente na sua séde, onde com afoiteza nos resalta do bico da penna esta incontestavel verdade—nunca os monarquicos tiveram a coragem de praticar aí nem metade do que se tem observado em materia de imoralidades, taes os desmandos daqueles que, acima de tudo, colocam os seus interesses, as suas ambições, as suas conveniencias.

E não querem que protestêmos!

Será exigir o maximo a quem lhe embranqueceram os cabelos, trabalhando pelo advento duma Republica que dignificasse o país em vez de o envilecer.

## Iluminação pública

Pois que foram substituidos os bicos de gaz pelos candieiros de petroleo, pedimos ao sr. presidente do municipio uma melhor distribuição destes visto algumas ruas, como por exemplo as que cortam o bairro dos Santos Martires, terem ficado completamente desprovidas de luz.

Não se esquece, sr. Bernardo Torres?

### Sessão patriotica

Consta que virão no domingo a Aveiro perorar ao Teatro Aveirense sobre patriotismo, os srs. ministro dos estrangeiros, Augusto Soares e deputados Barbosa de Magalhães e Alexandre Braga.

A entrada é publica.

## Films...

### Caso raro

Conta o *Porvir*, de Beja, que tendo um cidadão requerido ao paroco da freguezia de Alvito a sua certidão de idade, por ela verificou haverem-no baptisado 10 mezes antes de ter nascido, fenomeno que ainda hoje deve trazer atarantado o peticionario, dada a extravagancia do acontecimento.

Só gostávamos de saber por que lado pegou o prior no neofito para o mergulhar na pia...

### Injustiça?...

Aventa um jornal que o snr. Afonso Costa anda em altas e secretas negociações para a formação dum partido *conservador republicano* que dê com o *blóco* em pantana e ao mesmo tempo sirva a colocar no novo partedo algumas figuras *menos retintas* do democratismo, como os snrs. Ferreira do Amaral, Henrique de Vasconcelos, Portocarrero de Vasconcelos, Vi-

## TRANSCRIÇÃO

O nosso intemerato colêga da Guarda, *O Português*, deu-nos a honra de arquivar nas suas colunas o artigo—*Dever glorioso*—que saíu neste jornal.

Agradecemos.

## O ENTRUDO

As medidas proibitivas das folias carnavalescas, que o público acatou nesta cidade sem relutancia, trouxe-nos o convencimento de que, no futuro, algo se poderá fazer para evitar a miséria em que caíram semilhantes folguedos.

Falaremos noutra ocasião.

# Nota politica

O catavento politico aponta agora nova variante, que, apezar de bastante estrambotica, merece todavía o devido registo. Como a crise ministerial entrou agora no seu quinto ou sexto largo compasso de espera, com tendencias, pelo que se conclue, a eternisar-se, não atando nem desatando, corre com todos os visos de verdade pelos centros e jornaes da bisbilhotice politica que subsistirá no novo ministério a união sagrada, mas com um grande remendo de que se encarrega... o *blóco!*

Então já viram?

Pois nem mais nem ontem. O *blóco* aperpincua-se para fornecer nada menos de dois até tres ministros, com o sr. Brito Camacho á frente, já se sabe, a fingir que nada tem com a *blocaria!*

Como reforço ao boato asseguram as más linguas e as bôas vão afirmando que esta solução teria sido achada pelo chefe do Estado, não só para aplanar e vencer dificuldades que sobreviriam, por certo, mas ainda para vêr realisado assim o seu sonho dourado: a constituição autentica de um ministério nacional. Assim ficariam os democraticos com quatro pastas, evolucionistas com tres e os bloquistas com duas. A simples noticia, porêm, levanta já certo rumor pelos vários campanarios e os *sinos da nossa aldeia* tocam a rebate para que as gentes politicas digam da sua justiça. Daí protestos contra a anunciada distribuição que não póde estar, como *está, na rigorosa proporção com as forças parlamentares dos partidos!*

Vê-se, pois, que não é facil a realisação desta nova tentativa ministerial, que não passará, segundo cremos, dum balão de ensaio, embora alguns ministros estejam alimentados a balões de oxigenio, mantendo uma vida ficticia, e que é necessario deixar morrer na primeira ocasião.

O que lá por cima ainda está a demorar-se e a ficar, é um crime.

Como complemento de todas estas variantes atmosferico-politicas, cochicha-se que o extra-partidario escolhido para a presidencia, sem pasta, do novo govêrno será o snr. João Chagas, nosso representante em Paris.

Emfim: o que fôr soará e supomos que tem magnifico cabimento aqui as palavras sacramentaes com que os venerandos e autenticos Bordas d'Agua, sempre fecham os respectivos juizos do ano: *Deus super omnia!*

Assim seja. Vá lá que estâmos na quaresma, como diria qualquer irmão de S. Francisco...

## MISSA

Em sufragio da alma do nosso saudoso amigo João Pinto de Miranda, a Banda dos Bombeiros Voluntarios, que o teve por chefe durante mais de 30 anos, manda celebrar no proximo dia 1 de Março, pelas 10 horas, no vasto templo de S. Domingos, uma missa de *requiem* para a qual convida todas as pessoas e colectividades que a ela desejem assistir.

A mesma Banda conta inaugurar tambem na sua casa de ensaio o retrato do pranteado morto, que tanto relêvo lhe deu, tornando-a conhecida como uma das melhores do distrito



# Ainda o cónego

Fala o orgão *Camaleão* dos trampolineiros da Vera-Cruz:

Não vem, infelizmente, reger qualquer cadeira do nosso liceu, onde ultimamente foi colocado com nomeação definitiva, o ilustrado professor e habil advogado, sr. dr. João Ferreira Gomes, que continua em comissão no liceu e escola-normal do seu distrito.

Sinceramente o sentimos. Era, pelo seu saber, pela sua honestidade profissional, pelo seu excelente caracter e por outros honrosos titulos que o distinguem, um elemento de valor, que lamentâmos haja desaparecido do nosso meio, onde tão grandes simpatias conquistou.

Contra o sr. dr. Ferreira Gomes, pelo que lêmos no *Progresso* e *Distrito de Aveiro*, parece que viboras distenderam o envenenado ferrão.

Não chegou lá a baba pestilenta. Não lhe roçou, de leve sequer, pelo tacão da bota. Quem, como o considerado professor, creou ao redor de si a atmosfera de considerações de que ele gosa, tem decerto pelos detratores de toda a gente de bem o mais soléne desprêso.

Estão no seu oficio. Para poderem ter meia duzia de leitores.

Como se vê, ao tronchudo *evolucionista*, assim apreciado pelos mesmos que um dia alimentaram a ideia de lhe irem aos fagotes, não faltam simpatias em Aveiro.

Se até o *Camaleão*—o que faz o vicio!...—sente ter-lhe desaparecido do meio esse valioso elemento...

# UM BRAVO

Mostram-nos uma carta, vinda recentemente da Africa, em que um antigo aluno do Asilo Escola Distrital, hoje sargento de infanteria 24, relatando o que se tem passado na Provincia de Moçambique durante as operações contra os alemães, escreve:

.................................

Fui presente á Junta que me arbitrou 20 dias de licença para gosar em Palma; mas como ao fim do terceiro aparecesse convite aos oficiaes e sargentos que quizessem tomar parte na coluna destinada a marchar para o interior, sobre Mossassé, ofereci-me, fazendo de conta que ainda nenhum revez sofremos, não me importando com as dificuldades que surgem nos itenerarios e lá vou ámanhã de madrugada, visto já me terem passado a respectiva guia. Dirá V. Ex.ª para consigo: faria ele aquilo para auferir lucros? E' coisa que aqui se não faz — recompensar com dinheiro os serviços desta natureza. Será com a ambição de se tornar célebre? Tambem não, que não é para nós, os pequenos, a honra de uma vitória. E' apenas pelo cégo cumprimento dos meus deveres e por entender que a inacção em que já ha bastante tempo nos encontramos não é nada digna, e além de tudo pelos constantes desgostos que amiudadamente por aqui se estão passando. Mas tenho mais causas que me obrigam a proceder assim. O meu espirito é de aventureiro e gostei sempre de desempenhar cabalmente da missão de que sou incumbido. Arrisco a vida? E' verdade. Mas que me importa se ela já me não pertence ha muito? Os meus sofrimentos teem sido constantes e continuam a ser cada vez mais. Se heide morrer ámanhã prostrado por uma doença, porque me heide eximir hoje á morte, combatendo em defeza da Liberdade e da integridade da Patria, por tão poucos que<br>rida? Embora este não seja o *verdadeiro* caminho seguido por muitos, a minha consciencia traçou-mo e enquanto não cumprir o meu dever julgo que me faltará toda a tranquilidade.

E não querendo tornar-me massador, termino, etc.

.................................

**Esta carta tem a data de 30 de novembro do ano findo e é subscrita por um exposto, que, no recolhimento acima referido, recebeu a sua educação. Lendo-a, nós não sabemos que mais admirar—se o estoicismo do bravo soldado português, se o comprovado amor a este adoravel torrão pelo qual se anda sacrificando, expondo o peito ás balas.**

**Que admiravel contraste com os camaradas que só vão contentes e satisfeitos quando vêem garantidos bons lucros e logares seguros!...**

**Se até os ha que se fazem acompanhar das respectivas consortes...**

**P'ra guerra? Não. A governar-se é que eles marcham.**

# A influencia do anuncio

Tendo ha tempos lido uma curiosa relação dos preços porque são pagos em França os anuncios dos jornaes, indubitavelmente muitissimo mais cáros, sem comparação, do que é cobrado entre nós, o *Nouveau Monde*, aludindo ao mesmo assunto, refere que um jornalista americano tendo a ideia original de interrogar alguns milionarios ácêrca da influencia do anuncio com respeito aos importantes bens que eles possuem, conseguiu as seguintes respostas:

—Devo o que possuo aos anuncios repetidos.

*Bonner*

—O caminho da riquêsa vai atravez da tinta da imprensa.

*Barmun*

—Os anuncios repetidos e continuos déram-me os bens de que estou gosando.

*A. S. Slward*

—Meu filho: prefere realizar os teus negocios com pessoas que anunciem. Não perderás nunca.

*Benjamin Franklin*

—Como é que o publico hade saber que tem alguma coisa bôa, se não lho disser?

*Vandelbill*

Enfim, *a publicidade é a alma do comercio*, protestam os mais autorisados e ricos negociantes estrangeiros.

Tambem assim o crêmos, taes são as fabolossas somas que, em anuncios diários, lá fóra se consomem.

## A Cinza

Realizou-se quarta-feira por uma tarde linda de sol a procissão que desde remotos tempos é costume saír da igreja de S. Francisco e na qual figuram bastantes andores com diferentes santos que os irmãos da Ordem Terceira conduzem aos ombros. Percorreu, revestindo toda a decencia, o itenerario dos anos anteriores, animando-se a cidade devido ao grande numero de visitantes das cercanias e principalmente dos concelhos de Ilhavo e Estarreja, que deram um importante contingente de forasteiros.

## Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Moura.*

# Solução económica do problema da irrigação

Como é sabido, a escassez de chuvas no verão e, em muitos anos, na primavera, torna o clima de Portugal, sobretudo o das regiões do sul, pouco proprio para diversas culturas, entre as quaes, pela sua importancia, citeremos as cerealiferas

Para remediar esse inconveniente, teem sido propostos diversos meios, o principal dos quaes consiste em trabalhos de irrigação, empreendidos ou por particulares, ou pelo Estado.

Todavia, demanda tão avultada despeza o estabelecimento de extensos sistemas irrigatórios e são, em certas regiões, sobretudo no Alemtejo, tão minguadas as aguas de que se poderia lançar mão que pessoas de grande competencia teem aconselhado, pura e simplesmente, como unico remedio eficaz, a substituição das culturas que requerem um grau médio de humidade por outras adaptaveis a solos áridos.

No entanto, parece que o snr. Ministro do Fomento vai ordenar a revisão dos estudos, em tempos feitos, ácerca dalgumas albufeiras no Alemtejo—que é onde a falta de chuvas primaveris e estivaes mais se faz sentir—e a sua rápida construção.

Achâmos bem, mas, salvo melhor parecer, entendemos que se poderia fazer ainda melhor. Ora vejâmos.

Segundo afirmam os sacerdotes dos muitos e variados deuses adorados no globo, são os referidos deuses quem dá a chuva e o bom tempo, quem desencadeia a tempestade e faz brilhar o sol.

E' certo, todavia, que, aos olhos perversos dos incrédulos, muitos factos existem que os levam a pôr em duvida e, mesmo, a terem a impia ousadia de regeitar essa respeitavel e autorizadissima afirmação. Mas, sondado o problema, facil é vêr de que lado está a razão. Sondemo-lo, pois.

Que alegam os ateus, em favor das suas perniciosas teorias? Alegam que as chuvas são um fenómeno inteiramente natural e regido por leis conhecidas; que, sendo certo que o regimen das chuvas varía imenso com a latitude, a altitude, o grau de arborisação, a constituição orografica, os ventos reinantes, etc., nunca ninguem o viu variar com as mudanças de culto, nem com as bençãos, ou as excomunhões; que, ao passo que certas regiões recebem muito mais agua que a necessaria, outras recebem muito menos que a precisa, havendo-as mesmo que nenhuma recebem, pois que ha países onde nunca chove; que, na propria Europa, enquanto algumas regiões, como Portugal, a Espanha, a Italia e a porção ocidental da França, teem escassas chuvas estivaes, outras, como por exemplo, a Alemanha, a Belgica, a Inglaterra e a parte oriental da França, gosam, durante o estio, de abundantes precipitações pluviaes; e *et cétra...*

Ora, bradam, triunfantes, os ateus protervos—para quê estas desigualdades, por vezes tão nocivas? Porque não fazem os deuses caír as chuvas sempre na medida requerida pelas necessidades agricolas? Para quê as cheias devastadoras alternando com as sêcas esterilizadoras?

E daqui concluem que as chuvas são um simples fenómeno natural, independente das ordens de quaesquer deuses e, tambem, dos prejuizos ou beneficios que á humanidade daí possam resultar.

Pois concluem muito mal. Todos aqueles supostos argumentos não passam de pérfidas artimanhas da incredulidade. Sendo os deuses os criadores e ordenadores do mundo, é intuitivo que quanto nele se passa obedece ás determinações dos mesmos deuses.

Além disso, os sacerdotes dos muitos e variados deuses são pessoas sérias, honradissimas e incapazes de dizerem uma coisa por outra; se eles nos garantem que são os seus deuses quem manda a chuva e o bom tempo, é porque na verdade assim é; e se, por vezes, a chuva e o sol veem não só inteiramente fóra de proposito, mas em perfeito desproposito, tem a aparente anomalia cabal explicação *nos profundos mistérios da providencia*, ou em qualquer outro veneravel *nariz de cêra* metafisico, plenamente consagrado pela tradição.

Apurado, pois, e de fórma incontestavel, que são os deuses quem manda a chuva, é obvio que o problema da irrigação tem uma solução bem mais lógica e económica que a que o sr. ministro do Fomento lhe quer dar.

* * *

Mas vejâmos mais.

Quem manda a chuva? Os deuses, segundo a palavra honrada, e até infalivel, dos seus sacerdotes.

Muito bem. Ora, postas estas premissas, é evidente a bôa, a lógica solução do gráve problema da falta, em Portugal, das chuvas de estio.

O sr. ministro do Fomento, em vez de gastar dinheiro em estudos de albufeiras e outros sistemas de irrigação, limitar-se-á, simplesmente, a mandar chamar ao seu gabinete, os sacerdotes, ou os seus representantes autorizados, das diversas confissões religiosas existentes no territorio da Republica —catolicos, protestantes, judeus, mahometanos, etc., e, uma vez eles reunidos e tendo-lhes feito vêr a alta conveniencia duma bôa distribuição das chuvas, intima-los-á a entenderem-se com os respectivos deuses e correlativos santos e profetas, de modo que, daí em deante, essa bôa distribuição seja um facto.

Para evitar sofismas e equivocos, poderá, até, fornecer-lhes tabelas que indiquem a quantidade de chuva que, de futuro, deverá caír, de harmonia com as necessidades culturaes da mesma, em cada região.

Dispostas assim as coisas, dá-se de duas uma: ou a chuva passa a caír nas devidas proporções, ou não.

No primeiro caso está tudo muito bem; os milhos e os trigos crescerão, frutificarão e sazonarão devidamente; reinarão a abundancia e a felicidade; e ao ministro só restará louvar os dignos sacerdotes pelo cuidado e bôa vontade que puzeram no desempenho da missão, que lhes fôra cometida, de se entenderem com os respectivos deuses.

No segundo caso, e não podendo, por fórma alguma, ser posta em duvida a afirmação dos integerrimos sacerdotes de que são eles os intermediarios entre os deuses e a humanidade, e de que são estes quem manda a chuva, tornase evidente que, se os ditos deuses não fazem caír a chuva a tempo e a horas é porque os sacerdotes não desempenharam capazmente da missão que lhes foi confiada.

Ora isto é gráve, senão porque revela, pelo menos, sem má vontade, culposa negligencia, que não lhes deve ser consentida, já que põe em risco a indispensavel alimentação dos povos.

Como se vê, a falta é gravissima e não póde ficar impune.

Mas quaes os castigos a impôr? Poderão ser diversos, mas aquele que, nas actuaes circunstancias, nos parece mais apropriado e eficaz é arregimentar os sacerdotes e enviá-los para a França, a darem batalha ás hordas germânicas. Semelhante castigo, além das inseparaveis maçadas, nenhum perigo deverá acarretar-lhes, pois que é de esperar que os deuses respectivos velem por eles cuidadosamente, preservando-os de todo o mal.

E, para melhor acentuar a magnanimidade da Republica, poderá ainda o govêrno determinar que ficará dispensado de ir pelejar com os barbaros de além Rheno todo o sacerdote que alegar em sua defeza que a chuva não caiu porque os respectivos deuses, se é que existem, nenhum caso fazem dos

seus rogos. Mas em tal caso deverão, os sacerdotes, como é de justiça, ser castigados como embusteiros, mandando, em seguida, o govêrno proceder aos necesarios trabalhos de irrigação.

Eis, no nosso entender, o caminho a seguir na questão das regas. Primeiro que tudo dverá recorrer-se á interferencia dos representantes dos deuses distribuidores da chuva e do bom tempo; e só depois de verificada a ineficácia dessa intervenção, ou a sua inutilidade, é que se deve apelar para a construção de canais, albufeiras, poços artesianos, etc, tudo obras muito mais dispendiosas que umas preces a pedir chuva, ou um *Te-Deum* em acção de graças por ela ter vindo.

Ou tudo isto como acabâmos de dizer, ou então a lógica é uma batata...

# Exercito português

—(*)—

Por noticia recebida terçafeira ultima na secretaría da guerra, sabe-se que chegou já a França o segundo troço do Corpo Expedicionario Português que ha dias havia partido a bordo de quatro transportes. Segundo a mesma noticia, a viagem foi feita sem incidentes, tendo tambem ali chegado bem os navios da divisão naval que os comboiaram, e que tambem levaram a seu bordo algumas tropas.

O desembarque das forças começa a fazer-se logo após a chegada, assistindo ao acto os oficiais do Estado Maior da coluna.

Relativamente ao desembarque do primeiro contingente lemos o seguinte, extratado duma correspondencia enviada:

Na sexta-feira, 2 do corrente, a um porto francês, aproaram quatro transportes com tropas. Foi grande a admiração da população da cidade, pois de nada estava prevenida, e, apezar dos 15 graus abaixo de zero que marcava o termometro, foi enorme a multidão que se dirigiu para os caes para assistir á chegada das tropas que, apezar do bloqueio submarino alemão, tinham ousado navegar nos mares francêses. Quando tiveram a noticia de que as tropas eram portuguêsas, o espanto transformou-se num entusiasmo doido.

As casas editoras de fitas animagraficas, os grandes jornaes ilustrados francêses e muitos amadores tiraram copiosas vistas da chegada e do desembarque do primeiro troço do corpo expedicionario português, que sob as ordens do general Gomes da Costa desembarcou em França.

O que foi a viagem dos navios, por onde eles passaram, o que aconteceu, foi-me contado por pessoa que falou com vários militares.

Os transportes que traziam as tropas vieram desde Lisboa no minimo tempo possivel, sem que um só momento os torpedeiros inglezes que os escoltavam deixassem de estar em contacto com eles. *Parecia uma matilha de cães.* Ora á frente, ora á direita, ora á esquerda, não deixaram de velar pela segurança dos nossos soldados, que eram esperados por grande numero de submarinos alemães.

Uma grande parte dos soldados e mesmo muitos oficiais sofreram de enjôo, mas ao desembarcar já nem em tal pensavam. O frio, aqui, é que os incomodou fortemente. Efectivamente a temperatura tem sido pouco favoravel aos nossos compatriotas. Já os operarios portuguezes acham que é contra ela que teem a lutar mais que contra quaesquer outras contrariedades que acometem sempre aqueles que, pouco favorecidos da sorte, teem de deixar o seu país.

Os nossos soldados estão agora bem agasalhados e já não sofrem de frio.

Quando os transportes chegaram ao porto francês onde deviam desembarcar as nossas tropas, os soldados, em grande alarido, deram vivas a Portugal, á Republica e á França, ouvindo-se tambem muitos morras á Alemanha.

Todos veem contentes, e alguns que se conservavam cabisbaixos e tristes, quando se lhes perguntou a razão da sua atitude, respondêram:

— Então que quer, está tanto frio!

Quando, na segunda-feira, tomaram os comboios que os levaram ao seu destino, a população da cidade fez-lhe uma das maiores ovações de que até agora ha ali memoria.

* * *

Ao convite feito ás praças mobilisadas e pertencentes ao regimento de infanteria 24, com pequenissimas excepções, acudiram no praso legal quantos lhe cabia esse dever sagrado.

Saudâmo-los a todos na hora da partida.

## Jantar intimo

A' hora de ser paginado o *Democrata*, 22 de quinta-feira, está-se realisando em casa do nosso director um jantar comemorativo do 9.º aniversario deste semanario, ao qual assistem os snrs. dr. Abilio Marques, Alfredo Cezar de Brito, dr. Lopes de Oliveira, Humberto Beça, Manuel Francisco Braz e Henrique Brito que, como amigos velhos, acorreram ao seu convite, confraternisando juntos.

## AGRADECIMENTO

*A familia do falecido João Pinto de Miranda, vem por este meio agradecer a todas as pessôas que se dignaram acompanha-lo na sua profunda dôr, pela perda irreparavel do seu querido e extremoso chefe.*

*Tambem por esta fórma deseja tornar publico o seu reconhecimento aos ex.mos senhores drs. Lourenço Peixinho e Zeferino Borges pela maneira extremamente cativante como o trataram na pertinaz doença e ao querido amigo Henrique Brito a sua extrema dedicação e carinho como enfermeiro.*

## O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

# Notas mundanas

*Com a sr.ª D. Ilda Lopes de Mélo, prendada e interessante filha do comendador, sr. Manuel da Silva Mélo, consorciou-se no domingo o nosso simpatico amigo e considerado comerciante local, sr. Manuel Maria Moreira, que aos primores do seu caracter alía outros predicados que muito hãode contribuir para a felicidade dessa união sagrada.*

✣ *Tambem no mesmo dia se efectuou o enlace da galante tricaninha Maria da Pureza Marques com o sr. Julio Cristo, muito digno e estimado escrivão de direito na comarca.*

✣ *Uniram-se egualmente pelos laços do matrimonio o sr. Luiz Augusto Henriques Pinheiro e D. Luiza de Jesus Henriques, naturais de Esgueira, e ambos professores de ensino primario oficial.*

✣ *Em Anadia teve logar o consorcio da sr.ª D. Maria da Luz Pereira de Almeida, estremecida filha do inteligente advogado, sr. dr. Joaquim Rodrigues de Almeida, com o atual contador da visinha comarca de Vagos, sr. Joaquim Vicente Duarte das Neves Junior.*

*A todos os nubentes desejâmos as felicidades de que são dignos.*

✣ *Tem passado encomodado na sua casa de Adbarros, o nosso excelente amigo sr. dr. Simão José.*

✣ *Estiveram em Aveiro na ultima quarta-feira os srs. Francisco de Souza Garganta, de Veiros e Carlos Alberto da Costa, redactor do Jornal de Estarreja.*

✣ *Deu á luz uma creança do sexo masculino a esposa do sr. Carlos Mendes.*

✣ *Quasi restabelecido dum ataque de grippe que durante alguns dias o reteve em casa, embarcou ontem para o sul o sr. dr. Ornélas Regalão.*

✣ *Acha-se na sua casa de Vagos a convalescer da gràve enfermidade de que foi acometido em Fornos de Algodres, o sr. dr. Isaac Domingues Ribeiro.*

✣ *Veio ontem acompanhar ao colegio a sua galante filha, o sr. João Carlos Moreira da Silva, distinto farmaceutico e secretário da administração do concelho de Mira.*

**O Democrata**, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.



## Outro calendario

Do considerado industrial, sr. João Pereira Campos, recebemos tambem esta semana um lindo cromo-calendario dos que distribue a Companhia de Seguros Comercio e Industria cujo correspondente em Aveiro é aquele nosso amigo.

Muito obrigados.

# O pão

Nunca é de mais repetir que, tratando deste assunto só o fazemos no exclusivo intuito de concorrer, ainda que com o nosso insificante esforço, para que se traga á população da cidade, uma parcela de beneficio tendente a não agravar, pelo menos, uma situação que se vai apresentando sériamente assustadora.

E, nesta intenção, natural e logicamente procurâmes harmonisar os incontestaveis interesses de todos sem outra ideia mais do que fazer derivar para resultado benéfico, os esforços e a bôa vontade dos beneficiados. Tem sido sempre estes os nossos intuitos, que por bem e muitas vezes expressos, não pódem dar logar a interpretações equivocas nem a que lhe sejam atribuidos outros fins sem cabimento.

A questão é, sem duvida, complexa; e, assim poderá ser aqui tratada com deficiencias, é certo, mas nunca com quaesquer reservas nem pretensões a exaltar quem quer que seja, pois não será empregando tais expedientes que se consegue a solução desejada.

Ha muito que um decreto estabeleceu dois tipos de pão, com o fim de atenuar as dificuldades económicas da população. Agora é esperado, não só pelas deficiencias notadas no primeiro, mas porque a situação se tornou muito mais gráve, novo decreto, creando unica e simplesmente um só tipo, do qual ainda se ignora a respectiva percentagem de farinha e o competente preço.

Entre nós, sómente a fabrica dos srs. Cristo, Rocha, Miranda & C.ª fabricou esse pão, que continua ainda vendendo, com restrições, como já dissémos, mas que todavia vai beneficiando um consideravel numero de pessoas que o adquirem. Mas podendo esta casa fabricar esse pão, porque não o manipulam as outras padarias? —perguntará o leitor.

Por uma razão muito simples, ou antes, por várias razões todas concordes em tornar, pelo menos agora, absolutamente impraticavel tal manipulação.

A fabrica aludida manipula actualmente o pão barato, muito melhor do que aquele que resultaria da percentagem estabelecida na lei, porque, preparando e vendendo grande quantidade de pão com farinha de 1.ª, sobra-lhe avultada quantidade de farinha de 2.ª e assim habilitada fica a poder manipular e vender a porção de pão dos pobres que actualmente fabrica. E' preciso que se saiba que, segundo o diagrama da lei, ha sempre para cada quilo de farinha de 1.ª, 3:250 gramas da de 2.ª.

Esta é uma das razões porque as outras padarias não pódem fabricar pão de 2.ª e ainda porque as farinhas por elas adquiridas, custaram um preço elevado, como seja o de 24 e 26 centávos cada quilo.

Evidentemente, comprada farinha por tal preço, não se póde com ela preparar pão para ser vendido a 9 ou até a 20 centávos.

O presidente da Comissão de Subsistencias, em Lisboa, o sr. Freire de Andrade, afirmou que em todo o país haveria trigo e milho que escassamente chegariam para dois mezes.

Apezar, porém, da autoridade de tal opinião, teremos de observar que a ultima colheita de milho foi extraordinariamente abundante e considerada como uma das mais produtivas nestes ultimos anos. Esse cereal está assambarcado e subindo de custo tão escandalosamente que o govêrno vae decretar o maximo preço para a sua venda—95 centávos.

A seguir desaparecerá todo o milho, informa-nos alguem autorisado no assunto, e nem a 95 nem a tres vezes mais conseguiremos uma só medida. A providencia aproveita, sem duvida, mas será necessario que o govêrno aqui, ou onde quer que seja, estabeleça um armazem de venda, mantendo e regularisando assím os preços do milho.

Indubitavelmente marchâmos com rapidez, de muitos despercebida, para uma situação que será imensamente gráve, calamitosa e que, muito mais bréve que julgamos, havemos de nela nos debatermos. O mal que já aflige dolorosamente o pobre, muito em bréve torturará o rico que, apezar do seu capital abundante, não encontrará que comprar nem a peso de ouro. E' certo que as nossas padarias teem hoje avultados *stocks* de farinhas, mas também alegam que podendo aproveita-los por mais largo tempo, fabricando o pão com mais rolão e por isso um pouco mais escuro, não o fazem porque o publico se resente da sua brancura, mais ou menos pronunciada e não o compra.

Se o atual pão barato fôsse feito, absolutamente em harmonia com o padrão estabelecido, certamente um reduzido numero o procuraria, como de principio sucedeu.

Os votos que fazemos são sómente para que os exigentes possam ter sempre por onde escolher, não chegando ao doloroso momento que nem branco nem escuro, grande ou pequeno encontrem para comprar.

Que a situação que se avisinha se esboça gráve e dolorosa, não ha duvida. E' já visivel e... palpavel.

Contudo ha providencias e tempo para as tomar.

Que as adopte quem compete e tem esse dever.

* * *

Isto escrito e o govêrno a darnos conta de que, em harmonia com o novo decreto sobre as farinhas, saído ontem, determina a partir de hoje, que o pão seja fabricado com metade de milho para se vender nas padarias e nos domicilios aos preços, respectivamente, de 9 e 10 centávos.

O pão para doentes será fabricado e fornecido pela Manutenção Militar e vendido nas farmacias e esquadras de policia, mediante receita medica, ao preço de 40 centávos.

# A politica

—(*)—

Continuando a descretear sobre este assunto, a *Resistencia*, bi-semanário do Partido Republicano Português no distrito de Coimbra, escreve no seu numero de 14 do corrente:

Antes do *5 de Outubro* a Nação Portuguêsa, pelo menos a parte mais consciente do povo português, caminhava através de todos os obstaculos, esfarrapando as carnes ao abrir caminho, como sucedeu no *31 de Janeiro*, no *4 de Maio*, etc., norteada por uma ideia, com os olhos fitos numa estrela magica—a Republica.

Os luctadores, com um simplismo ingénuo, almejavam pela Republica e o seu espirito antevia a Nação salva e vivificada pelo novo regimen a conquistar como se esse regimen tivésse, só por si, o magico talisman de regenerar os elementos sociais de Portugal!

E' que cada um dos luctadores, pelo menos cada um dos luctadores mais sincéros e mais entusiastas e desinteressados julgara, sem exame, que era desinteressado, patriota e honesto porque era republicano quando, na verdade, o caso era diverso se não era, até, inverso. Como assim julgava concluia imediatamente que, feita a Republica e acatada por todos, o patriotismo, o brio, a justiça, a honestidade seriam o apanagio de todos os cidadãos portuguêses!

Ingenuidade; mas ingenuidade propria das almas sincéras e revolucionarias.

Proclamou-se a Republica e os tempos foram correndo.

Então começâmos assistindo a um fenómeno interessante:—toda a podridão moral e social que nós combatêramos, como se tivésse sido apertada num involucro poroso constituido pela consciencia republicana, começava transudando através dos poros do involucro e, passado pouco tempo, o referido involucro, a consciencia republicana, mal se divisava, tais eram as manchas gordurosas de corrução que iam alastrando!

Os bons crentes, os que sinceramente haviam condenado a desvergonha dos ultimos tempos da Monarquia, os que tanta vez haviam sentido uma revolta irreprimivel quando percebiam o desafôro das veniagas truculentas ou a flagrancia das injustiças deslavadas, sentiam-se esmagados; pareceu-lhes que haviam acordado de um sonho no meio de um deserto sem bussula, sem estrela e sem guia.

A Republica havia sido um sônho!

E' assim que neste momento se encontra a consciencia dos republicanos.

Julgavam os revolucionarios que·

# Dentista

## CANDIDO DIAS SOARES

AVEIRO

**Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por «Candido Milheiro» ou "sobrinho do Milheiro,,**

*Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro de 1915, na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º*

---

derribada a velha e estropiada Monarquia ficava, *ipso facto*, feita a Republica, ou que, proclamada esta, as virtudes concomitantes cairiam sobre os dirigentes como diz a tradição cristã que no dia de Pentecostes cairam as linguas de fogo sobre os Apostolos!

Puro engano.

E, como se não fôsse bastante já o que vinha evidenciando-se, surgiu a guerra europeia.

Se é verdade que para a Nação Portuguêsa esta guerra foi ou hade ser de consequencias felizes porque ela hade ocasionar a Portugal uma apreciavel melhoria no seu valôr internacional, por motivo dessa guerra, em Portugal, sucedeu, moralmente considerada a situação, um facto similhante ao que se observa, quando dos fenómenos sismicos de ampla invergadura. Quando a crosta começa tremendo, surgem de todos os buracos, dos fundos dos boeiros, dos boqueirões, toda a especie de bichos, lagartos, ratos, lagartixas e vários insectos correndo em todos os sentidos; similhantemente, tambem, neste momento em Portugal, perante o profundo e retumbante acontecimento que sacode não só a Europa, como todo o mundo, de todos os antros da baixa e oculta moralidade saíu, farejando, a mais repelente fauna de monstros morais, vendilhões da Patria, covardes, traidores, sabujos, gatunos, escrocs, desvergonhados, tartufos, roedores e, todos á porfia, cada um no seu campo, meteu a cabeça de fóra com a bocarra hiante e alguns com arreganho.

O povo salvou a Nação da vergonha e o povo é a principal victima dos impudicos lacraus.

As negociatas escuras sucedem-se; as fortunas de alguns pelintras surgem como por encanto; o alto comercio abarrota de fortuna dividindo os lucros fabulosos com os sacripantas que o ajudam no jogo descarado do assalto á esfaimada bolsa dos pobres e dos honestos!

Tudo isto é bem sabido por toda a gente.

Ha charlatães e altos vigaristas, que, não só não procuram ocultar a miraculosa fortuna, como até, atrevidamente, fazem réclame á sua vida principescal...

Desbragamento e cinismo.

Quer dizer: dentro da evolução que seguiu a *5 de Outubro*, urge tazer nova revolução, não para obter novas instituições, mas para sanear as que existem.

Com a primeira revolução só se conseguiu um fim politico.

E' pouco.

Importa ir mais longe e obter um fim moral, preparar uma revolução social.

Sentimo-nos num deserto sem orientação? Aqui está a nova orientação.

Que os puros, os que do fundo de suas almas lamentam toda essa corrupção que ai campeia desenfreadamente, se vão dando as mãos para a luta pelo fim almejado: obter a situação moral que nos tempos da propaganda prégámos e extirpár, até ás entranhas, os vicios, ainda bem patentes, que nós atacámos na decadente e corruta Monarquia.

Esta a nova orientação para os espiritos de eleição.

Agora, mãos á obra e ávante.

A'vante, ávante, coléga, mas sem perda de tempo.

Ou *isto* se afunda num charco de trampa.

## NECROLOGIA

Finou-se no Porto, onde se encontrava com seu marido, que naquela cidade faz parte duma banda regimental, a nossa conterranea Arminda Augusta da Silva Tenreiro, filha do sr. Antonio de Deus Marques, apontador das Obras Publicas e irmã do proprietario da alfaiateria do alto da Rua José Estevam, sr. João de Deus Marques.

Era ainda nova e deixa cinco filhos na orfandade.

=Tambem faleceu nesta cidade o pintor, sr. Luiz Ferreira Lau, de 48 anos, que gosava de muitas simpatias pelas suas excelentes qualidades de caracter.

Era sogro do sr. Luiz Vicente Ferreira.

=Em Esgueira deixou de existir, subitamente, a mãe do sr. João da Silva Castro, digno presidente da Junta de Paroquia e um dos republicanos mais antigos daquela freguezia.

A's familias enlutadas, sentidas condolencias.

## Os livros do povo

Chegam-nos os 11.º e 12.º volumes da util publicação editada pelo sr. Pedro Bordalo Pinheiro e que tem respectivamente os titulos de—*Atitudes, gestos e bôas maneiras* e *Algarve.*

Agradecendo, insistimos com os leitores deste semanário para que divulguem a magnifica obra educativa, tornando-a quanto possivel conhecida nas cidades, vilas e aldeias como convem ao aperfeiçoamento da sociedade.

# Jornaes

VENDE-SE nesta redacção grande quantidade a 10 centávos (100 reis) cada quilo.

## Adiantamento da hora

O govêrno decretou que, a contar do primeiro de Março, os relogios sejam adiantados 60 minutos, como aconteceu no ano transacto.

## VINHOS DO PORTO

*Experimentem os da casa*

**Rodrigues Pinho**

—DE—

VILA NOVA DE GAIA

**(Porto)**

*Pois são dos melhores que ha*

O fino **Moscatel velho** ou o vinho superior **Regenerante**

## CORRESPONDENCIAS

### Alquerubim, 20

Tomou ontem posse do logar de administrador do concelho de Albergaria, o snr. Antonio Dias Leite, de S. João de Loure, a quem felicitâmos. A' sua passagem por Alquerubim deitaram-se muitos foguetes.

= Partiram hoje desta freguezir muitos soldados que estavam de licença. A' sua despedida houve muitas lagrimas. Lá vão em defeza da Patria. Oxalá que eles voltem victoriosos.

= Não sabemos por quem foi concedida licença a uns individuos do logar de Pinheiro, de S. João de Loure, para saírem á rua com uma *dança carnavalesca*. Então de que serviram os editaes que foram afixados proibindo as brincadeiras do carnaval? Nem ao menos tiveram a lembrança de que o tempo vai pouco para festas desta natureza, e que ontem houve bastantes lagrimas naquele logar á despedida de alguns soldados que vão para a guerra.

Não haveria lá um regedor?

=O sr. Conde de Agueda fez saber á Junta de Paroquia de Valongo, que vende o seu milho a 1$00 cada medida de 20 litros.

C.

# Dentista Milheiro

(DE ESPINHO)

Vem dar consultas a Aveiro ás terças e sextas-feiras, das oito horas ao meio dia, no seu consultorio á Avenida da Revolução, n.º 2, em frente ao Teatro.

# "A Colonial,,

## Companhia de seguros

### Capital Esc. 1.500:000$00

**Séde em Lisboa--Largo do Barão de Quintella**

Seguros terrestres, maritimos, postaes, agricolas e com reembolso, de predios, estabelecimentos, maquinismos, animaes, mobilias, cristaes, automoveis, etc., contra riscos de incendio, explosão, gréves e tumultos, guerra, choques, avaria, etc., etc.

**Conselho de administração:** *Fausto de Figueiredo, A. de Souza Lara, A. Bernardino Roque, F. Cabral Metello e J. Horta Ozorio.*

Agente em Aveiro:

POMPEU ALVARENGA

RUA DA FABRICA

# Anuncios

BATATAS PARA SEMENTE, das melhores qualidades, tem grande porção para vender

**Manuel F. da Rocha Leitão**

**R. Direita, 23 A**—AVEIRO.

# EDITAL

A COMISSÃO EXECUTIVA DA JUNTA GERAL DO DISTRITO DE AVEIRO

FAZ público, nos termos do artigo 22 da Lei Administrativa de 7 de Agosto de 1913, que as suas sessões ordinárias deverão realizar-se no edificio do Govêrno Civil e sala das sessões da Junta Geral, em todos os sábados, pelas 13 horas, não sendo feriado, porque sendo-o far-se-ão nos dias imediatos.

E, para todos os fins e efeitos legais se publica o presente e outros de igual teôr que vão ser afixados nos logares públicos do costume.

Aveiro e Secretaría da Junta Geral, 13 de Fevereiro de 1917. E eu Paulo José Pereira Guimarães, chefe da secretaría o escrevi.

O Presidente,

(a) **Antonio Maria da Cunha Marques da Costa**

# Restaurante Vouga

PERPETUA MARQUES DE JESUS, proprietária deste antigo restaurante, participa aos seus ex.mos freguezes que tendo de mudar da casa onde estava instalada, na Praça Luiz Cipriano, acaba de montar o mesmo estabelecimento na casa contigua, situada entre a Rua da Fabrica e a Rua da Corredoura, com a decencia e asseio costumados.

# Teatro Aveirense

**Sociedade anonima de responsabilidade limitada**

SÉDE EM AVEIRO

Devendo terminar no dia 20 de março proximo, o praso de um ano fixado no anuncio publicado em março de 1916 no *Diario do Govêrno* e semanários *Aveirense, Democrata* e *Campeão das Provincias*, nos termos e para os fins do artigo 11.º dos Estatutos em vigor, são por este meio prevenidos os srs. accionistas da Sociedade Constractora e Administrativa do Teatro Aveirense, os seus herdeiros ou proprietarios e possuidores das acções desta Sociedade, ainda não averbadas aos mesmos no livro respectivo, de **que devem solicitar até áquele dia a substituição das acções que possuem,** pelas do *Teatro Aveirense* (sociedade anonima de responsabilidade limitada) sob pena de, no caso de não reclamarem a aludida substituição (artigo 15.º dos Estatutos) se considerarem para todos os efeitos como tendo renunciado a todos os seus direitos em beneficio da sociedade.

Aveiro, 8 de Fevereiro de 1917.

O presidente da Direcção,

**Francisco Augusto da Silva Rocha**

# Agua da fonte de Sula

(BUSSACO)

Em garrafões de 5 litros. $15

# Água da Curía

Em garrafões de 5 litros. $35

DEPOSITARIO

**Bernardo Torres**

AVEIRO

# Motociclete

De marca F. N. 5 H P, vende-se uma e n estado de nova.

Dirigir a Prazeres e Silva, em S. Bernardo ou a Manuel F. da Rocha Leitão, Rua Direita, Aveiro.

## Thermos

**Souto Ratola**—AVEIRO

JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE AVEIRO

# Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

NO dia 25 do corrente, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na execução por custas e sêlos requerida neste juizo pelo exequente—o Magistrado do Ministerio Publico nesta comarca—contra os executados Maria de Jesus, a *Maipôa*, viuva, domestica, de Ilhavo, e outros, vai pela segunda vez á praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer sobre metade da sua avaliação, o seguinte predio pertencente e penhorado aos executados:

Um predio que se compõe duma morada de casas terreas com seu pateo e mais pertenças, sito na rua do Pedaço, da vila e freguezia de Ilhavo, avaliado em 140 escudos e vai á praça por 70 escudos.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 15 de Fevereiro de 1917.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

**Regalão**

O escrivão do 5.º oficio

*Julio Homem de Carvalho Cristo.*

## Funcho

Rebuçados aromaticos, ultima novidade, á venda nesta cidade, na casa BAPTISTA MOREIRA — Rua Direita.

# Luz Wizard

A melhor, mais brilhadte e mais economica.

Unico representante neste distrito, José de Almeida Teixeira, Rua Direita, 23.

AVEIRO

## O DEMOCRATA

**Assinaturas**

(Pagamento adeantado)

| | |
|---|---|
| Ano (Portugal e colonias) | 1$20 |
| Semestre | $60 |
| Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte | 2$50 |
| Avulso | $02 |

**Anuncios**

| | |
|---|---|
| Por linha | 6 centavos |
| Comunicados | 2 » |

Anuncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

## Conklin's

Canêta tinteiro de enchimento automatico. No goteja.—Souto Ratola—Aveiro.

## Habilitação para exame de admissão á Escola Normal

RODRIGUES PEINO
ALBERTO CSAIRO

Rua do Arco, 4 — AVEIRO